

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**RESISTIR É POSSÍVEL: WINNICOTT E OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO
SUBJETIVA¹**

MONICA CRISTINA FERREIRA GOMES

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Mestre em Estudos da Subjetividade pelo programa de Pós-Graduação da UFF (Universidade Federal Fluminense) e especialista em Saúde Mental pelo Instituto Philippe Pinel, RJ. Pesquisadora Associada do LIPIS.

monicafgomes@hotmail.com

Resumo: O que se pretende neste artigo é uma reflexão acerca da criatividade e os processos de subjetivação. A teoria de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo que compreende os processos criativos desde a relação mãe/bebê e sua extensão aos fenômenos e objetos transicionais, bem como a experiência cultural, nos é cara. A depressão e a agressividade nos serviram de instrumentos para uma análise da maneira como somos afetados pelo contexto sócio-histórico em nossa constituição subjetiva. Influenciada por forças que lhe são externas mas que a constituem, a subjetividade deve ser considerada a partir de seus processos criativos, inerentes à vida. Sendo assim, resistir é possível e, resistindo, podemos fazer do mundo um melhor lugar para se viver.

Palavras-chave: criação; subjetividade; experiência; cultura.

**RESISTANCE IS POSSIBLE: WINNICOTT AND THE PROCESS OF SUBJECTIVE
CONSTITUTION**

Abstract: This article is an attempt to investigate creativity and subjectivization processes. Winnicott's theory on the primitive emotional development which comprehend the creative processes from the mother/child relationship point of view and its extension to transitional objects and phenomena and to the cultural experience was considered. Depression and aggressiveness were instruments for the analysis of the way in which the Sociohistorical Context affects our subjective constitution. Being influenced by forces that are external to it and that come to be part of it, subjectivity may also be considered from its creative processes, which are inherent in life. Thus, to resist is possible, and by resisting we can make the world a better place to live in.

Keywords: creation; subjectivity; experience; culture.

¹ Este artigo é parte integrante da tese de doutorado intitulada *Resistir é Possível: Sobre Criação e os Processos de Constituição Subjetiva* defendida no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, orientada pela Profa. Junia de Vilhena



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

É inegável que vivemos, hoje, num mundo em que os comportamentos, assim como as diferentes formas de desejar são necessárias à manutenção de determinados segmentos de um mercado que não pára de se diversificar. Por um maciço investimento de certos valores nas subjetividades, experimentamos a emergência em nossas existências de formas que variam numa velocidade tal que não temos tempo para, de fato, absorvê-las.

Junto a isso, vivemos uma liberdade como nunca se vira antes. Porém, um olhar mais atento nos leva à conclusão de que se trata de uma estranha liberdade, que necessita de câmeras, grades, telefones celulares, toda uma parafernália que dê, juntamente com a liberdade, um sentimento de segurança.

O curioso é que, por princípio, liberdade e segurança andam em vias opostas: a liberdade se afasta na medida em que a segurança se aproxima, e estamos tanto mais seguros quanto menos livres e vice-versa. Seguros em condomínios fechados, circulamos livremente pelos limites delimitados por grades, livres daqueles que, em sua diferença, provocam, dentre outros, sentimentos de medo e ódio.

O encontro inevitável com a diferença que os constitui deve ser evitada, a fim de que possamos nos manter estáveis, indiferentes, e assim conservamos tanto nossos territórios demarcados espacialmente quanto nossos territórios existenciais, nos quais nos reconhecemos e nos fazemos reconhecer. No entanto, se consideramos que as transformações são próprias ao curso da vida, constatamos que algo não vai bem.

Diante deste quadro, nos perguntamos: é possível resistirmos a esses imperativos sociais que acabam, também, por nos constituir subjetivamente? É possível vivermos criativamente diante desse mundo que se impõe a nós? Sendo assim, o que nos faz criar? Esta pergunta é também uma afirmação: de acordo com a teoria de D.W.Winnicott, criamos, pelo simples fato de estarmos vivos. Porém, algumas vezes nos encontramos impossibilitados de criar. O que acontece, então, que nos faz criar ou, ao contrário, nos afasta disso que nos constitui?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Os processos de criação nos convocam a uma articulação entre diferentes campos de saber a fim de que possamos, então, minimamente compreender algo acerca do artista em cada um de nós. É claro que, como resultado desse processo não esperamos que surja uma obra de arte, mas uma vida que se constrói como uma obra, não sem esforço, não sem o suor da labuta do dia-a-dia: artistas do cotidiano que somos.

Para Winnicott, falar em vida implica, necessariamente, abordar os processos de criação. Não existe vida sem criação. O que não quer dizer que toda vida aconteça de forma criativa. Muitas vezes, passamos pela vida, sem sequer senti-la, sem saber que vivemos. Por isso nos interessamos em abordar o valor cotidiano da criatividade em sua relação com o viver.

Os conceitos que compõem a teoria e a clínica winnicottiana oferecem abertura para a compreensão de certos aspectos da vida psíquica postos em destaque pela cultura atual, na qual através de modos de produção de subjetividades que se fazem por modulações no interior dos corpos somos convocados a explorar processos que pertencem a estágios mais precoces do desenvolvimento emocional.

Os processos criativos emergem em momentos ainda muito precoces do desenvolvimento, e não cessam de acontecer durante nossa existência. Nesse sentido, é primordial a relação que se estabelece entre o bebê e o outro, corporificado na figura do responsável por seus cuidados, geralmente a mãe. Esta, ao se colocar como uma figura constante e confiável, favorece o seu desenvolvimento. Apresentando-se assim, ela possibilita que o bebê a tenha como uma criação sua, funcionando como um ego auxiliar essencial para a constituição do *self* do bebê, já que, identificada com ele, ela consegue se adaptar às suas necessidades.

O bebê, então, pode ter uma relação criativa com o mundo que, enquanto tal, lhe é apresentado gradativamente, respeitando-se a sua capacidade de compreensão. Assim realidade externa e interna vão se delineando tendo como ponto de emergência o espaço



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

que está entre elas. Winnicott denominou este espaço potencial ou transicional. A importância deste momento reside na compreensão da maneira através da qual constituímos e somos constituídos pela realidade externa.

Somos seres em constante processo de transformação. Para Simondon, a individualidade deve ser considerada como resolução parcial e relativa que se manifesta em um sistema contendo potenciais, que podem ser acionados de forma mais ou menos intensa. O devir, então, é uma dimensão do ser, este sempre capaz de defasar-se em relação a si próprio. Neste movimento, flagramos os processos criativos. Esses processos se relacionam ao simples fato de estarmos vivos. Para Winnicott, a criatividade está relacionada com a abordagem do indivíduo à realidade externa, na medida em que ele não sofre de nenhuma doença ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos.

Aqui reside a importância do conceito de espaço potencial. Lugar no qual ocorrem os fenômenos através dos quais nos constituímos criativamente, ele tem a particularidade de não se situar nem na realidade interna, nem na realidade externa, caracterizando-se por uma superfície de contato.

Espaço potencial dos processos criativos, através do contato com o que se encontra na realidade exterior inaugura-se um não-lugar no qual nossa própria realidade interior já não pode ser reconhecida, num duplo movimento que funda o indivíduo e o mundo a partir de uma superfície de contato entre eles.

Mediante um cuidado suficientemente bom emergem os potenciais inatos de cada indivíduo, fazendo com que crie, gradualmente, um ambiente pessoal no qual tem a ilusão de haver criado o que encontrou. Isso só é possível pela presença/ausência de uma mãe que, ao não impor seus humores e vontades, se adapta quase completamente às necessidades de seu bebê. O bebê tem, então, uma vivência de onipotência, na qual experimenta ilusoriamente o mundo como se este fosse criação sua.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A experiência de ilusão proporciona ao bebê uma vivência de haver criado o que encontrou. Neste encontro, no qual são essenciais as características reais do objeto, o bebê se enriquece subjetivamente na medida em que os dados reais de visão, cheiro e tato são incorporados à sua experiência subjetiva.

Aos poucos ele se confronta com os impasses que uma relação de alteridade provoca, e estes objetos deixam de ser experimentados onipotentemente pelo bebê, aparecendo, então como reais. Assim começa o processo de desilusão, que é tão importante quanto o de ilusão e que o complementa.

A relação com o que nos é externo é crucial para entendermos esse pensamento. O outro, que não precisa necessariamente ser personificado, nos constitui na medida em que com ele nos relacionamos. É assim que nos constituímos pelas relações que travamos, criando nossos territórios existenciais, estes sempre com pontas de desterritorializações que nos convocam a novas configurações. Nesse processo, se mesclam representação e irrepresentável ou, nas palavras de Winnicott, percepção e apercepção, e assim o indivíduo é forçado a um movimento. Neste, encontramos os processos criativos.

Localizados num espaço que remete às transformações, estando, portanto, sempre em movimento, os fenômenos transicionais nos permitem refletir sobre uma dimensão política em nossa subjetividade. Não podemos separar do campo político a dimensão impessoal, o processo de produção; em termos winnicottianos, os fenômenos transicionais, posto que estes estão diretamente relacionados a uma dimensão de alteridade que inclui, dentre outras, a experiência cultural.

Pensar a criação pelo viés winnicottiano pressupõe este espaço no qual devemos repousar, o que nos conduzirá a novas configurações subjetivas a partir de movimentos intensivos. Em comunicação com um núcleo que nos compõe, temos a experiência de que a vida vale a pena ser vivida em nossa relação com o mundo compartilhado.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Sendo assim, achamos importante abordar as diferentes formas de submissão às quais estamos expostos enquanto sujeitos em uma cultura, esta apreendida em seu campo relacional como produtora de modos de existência que, a princípio, não se encontram (ou não deveriam se encontrar) separados de seu poder de criação.

A subjetividade deve ser apreendida em seu caráter plural e polifônico, a partir de sua dimensão heterogênea, como algo que sempre escapa às configurações hegemônicas que se encontram atreladas a valores de mercado. Da mesma maneira, um estudo acerca da subjetividade nos conduz à conclusão de que não é possível entendermos a sua emergência tendo como parâmetro unicamente fatores subjetivos. Ou seja, a subjetividade não se encontra sob o domínio de nenhuma instância em particular.

Pela construção de um espaço transicional que não pertence nem à realidade interna, nem ao mundo compartilhado, tudo se determina a partir de um indeterminável, num interstício da atividade simbólica com o vivido da experiência. Área de ilusão ou espaço potencial, trata-se de uma zona fronteira na qual o gesto espontâneo e criativo acontece.

Como uma área que possibilita a emergência dos processos que vão dos fenômenos transicionais à experiência cultural, a princípio ela deveria funcionar de modo a ativar processos criativos, nos remetendo a um contato com aquilo que, em nossa configuração existencial, nos constitui realmente: o verdadeiro *self*.

Enquanto ser da cultura, devemos considerar o homem como um ser histórico, inserido num espaço-tempo. Nesse sentido, somos convocados a responder a certos imperativos sociais que também nos compõem subjetivamente. Uma resposta imediata a esses imperativos tem como efeito em nossas subjetividades o impedimento do contato com nosso ser real, nosso verdadeiro *self*.

Nessa urgência, nos encontramos impossibilitados de travar com o mundo relações mais criativas. Por uma intrusão exacerbada da realidade externa, o falso *self*, cuja função



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

seria proteger o verdadeiro *self*, torna-se mais importante. Como consequência, é o viver que se encontra destituído de seu poder de criação.

Diante dos padrões massificantes de produção de subjetividades, observamos o mapeamento de sentimentos para o exercício de um controle sobre eles, a fim de que estes não contrariem preceitos de uma sociedade classificada como “sociedade do bem-estar”. Assim também travamos uma perseguição incansável aos nossos componentes orgânicos discordantes dos ideais de beleza e saúde. Achatada, a vida deve se manter consonante com as prerrogativas de um viver sem intensidades, livre das intempéries próprias ao desejo e ao simples fato de estarmos no mundo.

Imersos na cultura somos, também, o resultado de seus efeitos. Dentre outros caminhos possíveis, destacamos o esmaecimento entre os limites do público e do privado, assim como o declínio de estruturas que, durante uma certa época, serviram de balizamento necessário à constituição subjetiva a fim de melhor entendermos esses atravessamentos.

Numa privatização da esfera pública é a própria intimidade que se publiciza. Mostrar-se em público, então, passa a ser considerada a expressão mais nobre dos indivíduos. Convocados a sermos diferentes, a possibilidade de constituirmos comunidade, o que nos dá um sentimento de pertencimento, se faz, paradoxalmente, através das identidades que conferem, a cada um, um estatuto de particularidade. Numa identificação com o outro que se faz a partir de nosso próprio umbigo, ele só nos interessa na medida em que fomenta nossas vidas espelhadas. As diferenças devem ser, então, eliminadas, a fim de que cada um possa manter sua integridade narcísica.

Alguns sintomas que acometem um grande número de pessoas numa determinada época podem funcionar como analisadores de um complexo de forças que atuam nas subjetividades. Para tal, escolhemos a depressão e as irrupções violentas contra o outro. Em ambos encontramos questões relacionadas ao imperativo da ação: o deprimido se encontra



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

impossibilitado de agir; na violência, o ato, descolado de sua potencialidade criativa, visa destruir o outro.

Entendemos estes sintomas como analisadores de um contexto sócio-histórico cuja prerrogativa é o imperativo da ação. Numa certa medida, os sintomas podem ser compreendidos como uma resistência a modos hegemônicos de subjetivação, uma vez que contrariam certos imperativos sociais e denunciam seu poder de dominação. Todavia, trata-se de uma resistência que não implica em transformações neste estado de coisas.

Essa diminuição do raio de ação da resistência acontece por estarem ausentes os processos criativos. Resistir pela afirmação de modos inéditos de existência passa a ser, então, uma questão ética que coloca em xeque uma sociedade pautada em valores de um mercado cada vez mais invasivo das subjetividades. Sendo assim, resistir só é possível através da relação entre criação e processos de constituição subjetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUMAN, Z. **Comunidades: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BEZERRA Jr., B. & ORTEGA, F. (orgs.). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- De LEO, A. **Na praia do mar dos mundos sem fim... Mães e crianças brincam: criando um espaço terapêutico para mães e bebês**. Tese de doutorado. PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2005.
- EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi: dépression et société**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- GOMES, M.C.F. **As interlocuções do desejo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2005.
- LIPOVETSKY, G. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. São Paulo: Editora Manole, 2005.
- PELBART, P. P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- SENNET, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMONDON, G. **A gênese do indivíduo**. In: **O reencantamento do concreto**. Cadernos de Subjetividade. São Paulo: Hucitec, 2003.
- VILHENA, J. **A Arquitetura da violência**. Reflexões acerca da violência e do poder na cultura. In: Cadernos de Psicanálise. Rio de Janeiro, SPCRJ. Vol.18. N.21, .



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

_____. **Até que o amor nos separe... Algumas reflexões acerca da família contemporânea.** Trabalho apresentado no I Encontro Internacional de Família e Psicanálise. Agosto de 1998, Universidade de São Marcos, São Paulo e publicado em *Cadernos do Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, SPID, V.31, 1999.

_____. Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. **Publicado em: Pulsional Revista de Psicanálise. São Paulo. Ed. Escuta. XV; n. 163, 2002.**

_____. **Tá tudo dominado... Cidade, confinamento e subjetividade.** In: Vilhena, J. (org) **A clínica na universidade. Teoria e prática.** Rio de Janeiro. Ed. PUC/Loyolla, 2004.

WINNICOTT, D.-W. **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D.-W. **O ambiente e os processos de maturação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido: 12/03/2010

Aceito: 18/03/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br